

# SOBREDETERMINAÇÃO EM UMA TEORIA MARXIANA DA MOEDA

*Gilberto Tadeu Lima*

Doutorando em Economia pela Universidade de Notre Dame (EUA)

## RESUMO

O presente artigo focaliza a genérica e abstrata análise monetária desenvolvida por Marx no início do *Capital*. Mais precisamente, pretende-se avaliar em que medida, se alguma, alguns aspectos da análise de Marx sobre o papel bastante contraditório desempenhado pela moeda no processo de circulação simples de mercadorias suportam uma interpretação sobredeterminística do método dialético por ele empregado. Baseando-se no conceito de sobredeterminação introduzido na literatura marxiana, principalmente por Louis Althusser, o artigo conclui que o nexos real-monetário prevalente na circulação simples de mercadorias pode ser concebido como um nexos sobredeterminado, ou seja, um nexos caracterizado por incorporar um regime de constitutividade mútua entre as esferas monetária e real do referido processo.

## PALAVRAS-CHAVE

moeda, circulação, sobredeterminação

## ABSTRACT

This paper deals with the generic and abstract analyses of money set forth by Marx at the beginning of *Capital*. More precisely, it is intended to evaluate to what extent, if any, some aspects of Marx's discussion on the contradictory role played by money in the process of simple circulation of commodities can be seen as supporting an overdeterministic interpretation of Marx's dialectical method of analysis. Based upon the concept of overdetermination introduced into Marxian analysis mainly by Louis Althusser, the main conclusion being drawn is that the monetary-real nexus in circulation of commodities described by Marx can be conceived as an overdetermined nexus, which means that a regime of very mutual constitutivity prevails between the monetary and real processes which comprise that process.

## KEY WORDS

money, circulation, overdetermination

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, focalizo primordialmente a genérica e abstrata análise sobre a moeda desenvolvida por Marx no início do *Capital*. Embora a formulação de Marx como um todo esteja claramente baseada no reconhecimento explícito da natureza monetária das economias capitalistas, a Parte I do *Capital* dedica-se a uma discussão relativamente abstrata e genérica acerca da natureza contraditória da relação entre mercadorias e moeda. Embora Marx concebesse uma economia capitalista como um modo de produção no qual fatores monetários desempenham um papel fundamental, o *Capital* começa com uma discussão bastante complexa sobre a mercadoria, a troca e a circulação em termos de um processo de produção de mercadorias sem condições socialmente determinadas, isto é, um processo no qual a moeda parece inicialmente não possuir um contexto capitalista. A despeito do quanto poderia ser interessante inquirir sobre a *rationale* deste ponto de partida, esta não é a questão básica a ser tratada neste artigo, embora uma possível explicação para ela emerja no que se segue.

Deve ser mencionado que não pretendo discutir toda a teoria geral da moeda de Marx, como esta foi apresentada no início do *Capital*. Colocando diretamente, meu principal objetivo é avaliar em que medida alguns aspectos da análise geral de Marx sobre o papel contraditório desempenhado pela moeda no processo de circulação de mercadorias suportam uma interpretação sobredeterminista do método de análise por ele empregado. Neste sentido, meu objetivo é contribuir para uma teoria marxiana seguindo a rota sugerida por Resnick e Wolff (1982, 1987), avaliando em que medida, se alguma, o que chamo de nexo real-monetário marxiano na circulação de mercadorias pode ser interpretado como um nexo sobredeterminado, a saber, um nexo no qual os processos monetários podem ser concebidos não apenas como sendo sobredeterminados pelos processos reais na sociedade, mas, inclusive, como sendo participantes na sobredeterminação de cada um deles. Como Resnick e Wolff (1987, p. 49-50) colocam, a centralidade do conceito de sobredeterminação, por eles tomado emprestado de Freud, Lukács e, principalmente, de Althusser, e modificado consideravelmente, exclui qualquer noção essencialista de que algum aspecto social, tal como o econômico, possa ser o determinante final ou o determinante em última instância dos demais aspectos. Uma teoria marxiana que segue essa orientação não enfoca a importância relativa dos aspectos sociais não-econômicos *versus* os econômicos, mas, ao contrário, focaliza a complexa estruturação conjunta de todos os aspectos sociais, sua estrutura relacional e as contradições sobredeterminadas em cada um deles por todos os demais. Resumindo, cada processo social deve ser

concebido como sobredeterminado pela interação de todos os outros processos. Devo dizer ainda que está longe do meu propósito fornecer a versão final de **uma** - sem falar em **a** - teoria marxiana da moeda baseada na noção de sobredeterminação. Menos ambiciosamente, meu propósito é argumentar sobre a possibilidade de utilizar o conceito de sobredeterminação para dar um particular sentido ao nexu real-monetário no processo de circulação de mercadorias discutido por Marx no início do *Capital*.

Para tornar ainda mais precisa a minha intenção, duas advertências adicionais se aplicam. Primeiro, concebo a taxonomia real-monetária meramente como um particular recurso analítico para observar a miríade de processos sociais que compõem a realidade, ao invés de necessariamente um atributo da própria realidade; como este artigo está baseado na suposição de que não existe tal coisa como um fenômeno real ou monetário, analiticamente puro, a maneira como concebo esta taxonomia não poderia ser outra. Segundo, embora focalize primordialmente a análise geral de Marx do nexu real-monetário no processo de circulação de mercadorias no início do *Capital*, tal avaliação parcial certamente pretende levar em consideração o contexto discursivo maior dentro do qual a discussão em questão é desenvolvida na teoria geral da moeda de Marx.

O termo **perspectiva sobredeterminista** tenciona aqui englobar uma particular interpretação, baseada na noção central de sobredeterminação, da natureza da inversão realizada por Marx do método dialético de Hegel. Quando aplicada à teoria marxiana, Louis Althusser foi o primeiro a introduzir a noção de sobredeterminação, no início dos anos sessenta, no contexto de sua particular intervenção interpretativa no debate acerca do real significado da inversão por Marx realizada da dialética hegeliana. Para Althusser, a inversão marxiana do método de análise hegeliano é bem diferente de uma extração pura e simples. Para Althusser, quando a relação íntima que a estrutura hegeliana do método dialético tem com a própria perspectiva de mundo esposada por Hegel, isto é, com sua filosofia especulativa, esta perspectiva não pode realmente ser colocada de lado sem sermos obrigados a transformar profundamente as estruturas desta dialética. Como explico com algum detalhe a seguir, este particular entendimento dos termos da inversão em questão levou Althusser, e alguns de seus seguidores, a uma interpretação da noção marxiana de contradição radicalmente diferente de uma variedade de interpretações essencialistas. Como este artigo está, ele próprio, envolvido em um processo sobredeterminado de elaboração contínua do problema por ele colocado, imagino ser possível obter uma decisão (provisória) sobre se um ponto de interrogação deve ou não eventualmente fechar seu título, *en route* para seu último parágrafo.

Organizei este artigo da seguinte maneira. Na Seção I esboço uma particular interpretação da intervenção de Althusser no debate acerca do que chamo de **problema da inversão**. Na Seção II discuto a análise geral de Marx sobre o papel contraditório desempenhado pela moeda no processo de circulação de mercadorias e avalio em que medida, se alguma, este papel contraditório pode ser concebido como sobredeterminado. Finalmente, algumas observações idiossincráticas, à guisa de conclusão, encerram este artigo.

### **I. CONTRADIÇÃO E SOBREDETERMINAÇÃO EM ALTHUSSER**

Depois da Segunda Guerra Mundial, um filósofo marxiano em particular, Louis Althusser, concentrou esforços para especificar o ponto de vista epistemológico da teoria marxiana e sua conexão com a análise social marxiana. Althusser foi bastante saudado como (filosoficamente) o maior pensador marxiano, desde Marx, e um ponto de partida indispensável para um grande número de elaborações teóricas dentro da tradição marxiana, particularmente aquelas dedicadas à recuperação da centralidade do aspecto epistemológico de qualquer especificação da teoria marxiana. Embora nunca se tivesse alcançado unanimidade sobre este ponto, não se pode deixar de reconhecer que os escritos de Althusser definiram boa parte da agenda marxiana para a discussão teórica no período posterior à Segunda Guerra Mundial. (FREEDMAN, 1990, p. 309)

Os fundamentos gerais da particular reformulação por ele realizada da teoria marxiana, centrada na epistemologia, foram expostos pela primeira vez num grupo de ensaios publicados no início dos anos sessenta.<sup>1</sup> Basicamente, sua inovadora especificação de uma teoria marxiana baseou-se numa particular

---

1. Uma exposição global do contexto histórico e político no qual Althusser fez sua intervenção em debates do pós-guerra em torno da teoria marxiana pode ser encontrada em FREEDMAN (1990) e RESNICK & WOLFF (1977). GERAS (1977), por sua vez, apresenta uma exposição cuidadosa do desenho geral do sistema de Althusser como um todo, de *For Marx* até *Reading Capital*. Lançada quando este artigo já estava em processo de publicação, a coletânea de artigos nessa tradição althusseriana editada por Antonio Callari e David Ruccio (1996) representa o estado das artes na área da nova economia política marxiana ou marxismo pós-moderno - reproduzindo as expressões utilizadas por Stephen Resnick and Richard Wolff em sua contribuição à coletânea - ou ainda materialismo pós-moderno, como preferem os editores.

interpretação da noção de contradição empregada por Marx e do papel central desempenhado por esta noção no método de análise social utilizado por Marx. Tendo como ponto de partida uma particular intervenção interpretativa na controvérsia com respeito à natureza da inversão realizada por Marx do método dialético de Hegel, Althusser propôs uma especificação da teoria marxiana na qual o conceito de sobredeterminação desempenha um papel fundamental. Como é bem conhecido, Marx criticou Hegel pelo que ele acreditava ser o lado mistificatório do método de análise dialético hegeliano.<sup>2</sup> Colocando diretamente, Marx argumentou que, nas mãos de Hegel, o método dialético estava “*de cabeça para baixo*”, de modo que este “*deve ser invertido para que possamos descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico.*” (1977, p. 103)<sup>3</sup>

Na interpretação de Althusser, o intento de Marx de ‘inverter a dialética, colocando-a de cabeça para cima’ deve ser visto como meramente indicativo, até metafórico; ademais, essa declaração de intenção não somente fornece respostas, mas, igualmente, levanta questões. Para Althusser, deve-se interpretar a presença desta declaração na análise social de Marx como indicativo não apenas de uma inversão geral de Hegel, ou seja, uma inversão da filosofia especulativa como tal. Quando Marx declara ser necessário encontrar o ‘cerne racional dentro do invólucro místico’, o ‘cerne racional’ em questão é a própria dialética, enquanto que o ‘invólucro místico’ é a filosofia especulativa. Para Althusser a inversão de Marx significou mais que uma aplicação pura e simples da dialética hegeliana à vida social e econômica ao invés do domínio da Idéia. Para ele, se esta aplicação direta tivesse sido o caso, essa inversão teria sido meramente uma inversão do sentido da dialética, configurando um movimento que, na verdade, teria deixado a dialética intocada.

- 
2. No posfácio para a segunda edição do *Capital*, Marx argumentou que seu método dialético era, em suas bases, não somente diferente do hegeliano, mas realmente oposto a este. Criticando o que ele acreditava ser o lado mistificatório da dialética Hegeliana, Marx observou: “*For Hegel, the process of thinking, which he even transforms into a independent subject, under the name of ‘the Idea’, is the creator of the real world, and the real world is only the external appearance of the idea. With me the reverse is true: the ideal is nothing but the material world reflected in the mind of man, and translated into forms of thought.*” (1977, p. 102)
  3. Apesar da ênfase de Marx sobre a mistificação que a dialética sofreu nas mãos de Hegel, ele não deixou de reconhecer que isto “*by no means prevents [Hegel] from being the first to present its general forms of motion in a comprehensive and conscious manner.*” (1977, p.103)

Para sustentar sua particular interpretação do real significado da inversão de Marx, Althusser argumenta que retomar a dialética na rigorosa forma hegeliana expõe-nos somente a ambigüidades perigosas, pois, dados os próprios princípios de uma concepção marxiana de qualquer fenômeno ideológico, é impossível conceber o lugar da dialética no sistema de Hegel como sendo meramente o de um cerne no interior de um invólucro. Nas próprias palavras de Althusser, “*it is inconceivable that the essence of the dialectic in Hegel’s work should not be contaminated by Hegelian ideology, or, since such a ‘contamination’ presupposes the fiction of a pure pre-‘contamination’ dialectic, that the Hegelian dialectic could cease to be Hegelian and become Marxist by a simple, miraculous ‘extraction’*” (1986, p. 91, ênfase no original). Para Althusser, é difícil negar que o invólucro místico citado por Marx seja nada mais que a natureza mistificada da própria dialética. Em outras palavras, este invólucro não é um elemento relativamente externo à dialética, mas, ao contrário, é um elemento interno, consubstancial com a própria dialética hegeliana. Althusser conclui:

“*It is not enough, therefore, to disengage it from its first wrapping (the system) to free it. It must also be freed from a second, almost inseparable skin, which is itself Hegelian in principle (Grundlage). We must admit that this extraction cannot be painless; in appearance an unpeeling, it is really a demystification, an operation which transforms what it extracts.*” (1986, p. 93, ênfase no original)<sup>4</sup>

- 
4. Neste contexto, parece lícito especular em que medida essa interpretação na rigorosa forma althusseriana poderia nos expor a ambigüidades perigosas, pois seria razoável argumentar que o significado correto da inversão de Marx da dialética hegeliana também não pode ser concebido como o de um cerne num invólucro. Noutros termos, poder-se-ia arriscar que é inconcebível que a própria essência da interpretação de Althusser não esteja *a priori* contaminada por uma certa ideologia, ou seja, que o entendimento de Marx dessa inversão pode deixar de ser o entendimento do próprio Marx e, por uma simples e miraculosa extração, tornar-se o entendimento de Althusser. Neste caso, a extração de Althusser do significado correto da inversão de Marx não pode ser vista como indolor, pois esse aparente mero descascamento é, na verdade, uma operação que transforma o que extrai. Além disso, pode-se especular que essa potencial inconsistência torna-se ainda mais plausível se se considera que Althusser, apresentando a noção de leitura sintomática, criticou a noção de uma leitura “*which makes a written discourse the immediate transparency of the true, and the real the discourse of a voice.*” (ALTHUSSER & BALIBAR, 1970, p. 16-7) Dado que meu objetivo primordial não é analisar a gênese do conceito althusseriano de sobre-determinação, mas, sim, avaliar em que medida tal conceito pode ser visto como estando subjacente à análise de Marx sobre o papel contraditório desempenhado pela moeda na circulação de mercadorias, uma análise detalhada dessa possível inconsistência extrapolaria os limites deste artigo.

Para Althusser, a expressão metafórica, ‘inversão da dialética’, não coloca meramente o problema da natureza dos objetos para os quais um simples método poderia ser aplicado, isto é, o mundo ideal para Hegel e o mundo real para Marx, mas, ao contrário, coloca o problema mais profundo da natureza do próprio método dialético, ou o que para Althusser equivale à mesma coisa: o problema de suas estruturas específicas. Dito de outra forma, o problema colocado por essa expressão metafórica não é simplesmente o da inversão do sentido da dialética, mas, sim, o da transformação de suas estruturas. Na visão de Althusser, não se pode deixar de reconhecer que, no primeiro caso, a mera aplicação de um método, a exterioridade do método dialético para seus possíveis objetos pode ser concebida como colocando um problema pré-dialético, um problema sem qualquer significado preciso para Marx. Por outro lado, o segundo problema levanta uma questão real para a qual dificilmente Marx e seus discípulos não teriam dado uma resposta concreta.

Portanto, a principal conclusão de Althusser é que a inversão realizada por Marx do método dialético hegeliano deve ser vista como envolvendo não a mera inversão da natureza dos objetos para os quais o método dialético pode ser aplicado, com o mundo real de Marx substituindo o mundo ideal de Hegel. Ao contrário, essa inversão envolveu o movimento mais profundo de inverter a natureza do próprio método dialético, de suas estruturas e determinações características, de maneira que as estruturas básicas e as determinações da dialética hegeliana têm, em Marx, uma configuração diferente daquela em Hegel. É neste sentido que Althusser argumenta que se a dialética marxiana é, ao menos em princípio, o oposto da hegeliana, se é racional e não simplesmente mística-mistificada-mistificatória, esta distinção radical deve manifestar-se em sua própria essência, isto é, em suas estruturas e determinações características. Neste ponto, nada é mais elucidativo que citar o próprio Althusser:

*“To be clear, this means that basic structures of the Hegelian dialectic such as negation, the identity of opposites, ‘supersession’, the transformation of quantity in quality, contradiction, etc., have for Marx (in so far as he takes them over, and he takes over by no means all of them) a structure different from the structure they have for Hegel. It also means that these structural differences can be demonstrated, described, determined and thought.”*  
(1986, p. 93-4)

Esta particular interpretação de Althusser da noção de contradição empregada por Marx foi proposta no contexto de uma reflexão minuciosa sobre o tema leninista do elo mais fraco, uma abordagem de situações revolucionárias segundo a qual uma cadeia é tão forte quanto seu elo mais fraco. Em linhas gerais, a interpretação de Althusser se desenvolve da seguinte forma. Para Lenin, a revolução foi possível na Rússia pela razão básica de que, no sistema de estados imperialistas, a Rússia representou o ponto mais fraco, uma fraqueza que resultou amplamente da acumulação e exacerbação de todas as contradições históricas então possíveis em um único estado. Lenin argumentou que esta situação excepcional era realmente insolúvel para a classe dominante e viu nesta situação as condições objetivas para uma revolução russa. Na visão de Althusser, toda a experiência revolucionária marxiana, no período anterior a 1917, demonstra claramente, contudo, que uma contradição geral é suficiente para definir a situação somente quando a revolução é a “a tarefa do dia”. Em outras palavras, uma contradição geral não pode, por seu próprio poder simples e direto, induzir seja uma “situação revolucionária” ou, *a fortiori*, uma situação de ruptura revolucionária e o triunfo da revolução. Colocando diretamente, se esta contradição torna-se verdadeiramente um princípio de ruptura, deve haver uma acumulação suficiente de circunstâncias e tendências capazes de se fundirem em uma unidade de ruptura plenamente constituída.

Além disso, quando tal situação multifacetada é alcançada, não mais se pode referir ao poder único e exclusivo da contradição geral; não obstante a contradição dominante seja parte ativa em todas as outras contradições e mesmo na fusão destas, não se pode concluir que todas essas contradições sejam meramente fenômenos puros da contradição geral. Em síntese, a unidade que elas formam, nesta fusão, em uma ruptura revolucionária é constituída pela própria essência e efetividade dessas contradições, pelo que elas são, e de acordo com as modalidades específicas de sua ação. Na constituição desta unidade de ruptura, elas não somente reconstituem e completam a contradição geral, mas, inclusive, revelam a própria natureza desta. Tendo sido bem-sucedido na quebra do invólucro místico, por assim dizer, Althusser está então pronto para extrair seu cerne racional:

*“(...) the ‘contradiction’ is inseparable from the total structure of the social body in which it is found, inseparable from its formal conditions of existence, and even from the instances it governs; it is radically affected by them, determining, but also determined*



*by the various levels and instances of the social formation it animates; it might be called overdetermined in its principles.”*  
(1986, p. 101, ênfase no original)<sup>5</sup>

Desta perspectiva, as próprias superestruturas devem ser concebidas como realidades que se distinguem da estrutura econômica da sociedade. De fato, elas são as condições de existência desta estrutura, assim como esta última é condição de existência das primeiras, uma vez que a produção econômica nunca se desenvolve no vácuo; ela existe somente no contexto de uma totalidade social global incluindo instâncias outras que a econômica. Colocando sucintamente, estas instâncias não-econômicas têm sua efetividade específica, o que significa: i) que elas são determinantes, assim como determinadas; ii) que a economia é determinada bem como determinante; e iii) que toda instância contribui, à sua própria maneira, para determinar a natureza da configuração global da qual ela é uma parte, além de, por outro lado, ser determinada por essa configuração. Sendo assim, não existe nada como uma simples contradição econômica, mas, em verdade, uma multiplicidade de contradições existindo em todos os níveis da formação social e constituindo uma espécie de hierarquia de efetividades dentro dela.

O conceito de sobredeterminação introduzido por Althusser na análise marxiana foi emprestado de Freud (1938). Para a psicanálise, o texto manifesto de qualquer sonho não representa algum pensamento essencial reprimido. Ao contrário, o sonho é produzido ou sobredeterminado por uma conjunção heterogênea de fatores principalmente inconscientes, nenhum dos quais podendo ser deduzido ou reduzido a qualquer um dos outros. A aplicação de Althusser desta categoria freudiana para a estruturação de uma formação social permitiu-lhe desenvolver um conceito particular de totalidade baseado na distinção entre determinação e dominância. Diretamente falando, o elemento dominante de uma dada formação social, embora devendo sua dominância fundamentalmente à determinação econômica, não pode ser reduzido a esta última, mas, ao contrário, experimenta

5. Entretanto, Althusser confessou não estar particularmente satisfeito com o termo sobredeterminação: “*I shall use it in the absence of anything better, both as an index and as a problem, and also because it enables us to see clearly why we are dealing with something quite different from the Hegelian contradiction.*” (1986, p. 101, ênfase no original). Vai além do escopo deste artigo realizar uma análise detalhada das várias razões que levaram Althusser a considerar a noção hegeliana de contradição como não sendo realmente sobredeterminada, embora freqüentemente aparente assim o ser. Para uma completa apresentação dessas razões, ver ALTHUSSER (1986).

sua própria autonomia relativa e exercita sua própria força causativa. O mesmo se aplica, *mutatis mutandis*, a todos os elementos sociais não-dominantes. Em outras palavras, cada elemento da totalidade social é radicalmente diferente de cada um dos demais, sendo a resultante totalidade uma conjuntura sobredeterminada desses elementos. Por sua vez, essa totalidade é radicalmente sobredeterminada quase da mesma forma que o sonho freudiano o é (FREEDMAN, 1990, p. 318-9).

Para Althusser, uma vez que essa sobredeterminação constitui a especificidade da noção marxiana de contradição, deve-se dar prioridade a um aspecto básico de qualquer estudo histórico marxiano, a saber, uma rigorosa elaboração dos conceitos marxianos e daquilo que realmente os distingue de seus fantasmas; e um desses fantasmas é mais especialmente crucial que qualquer outro: Hegel. Para Althusser, “*to drive this phantom back into the night we need a little more light on Marx, or what is the same thing, a little more Marxist light on Hegel himself [so that] we can then escape from the ambiguities and confusions of the ‘inversion.’*” (1986, p. 116, ênfase no original).

### **III. MOEDA E CIRCULAÇÃO DE MERCADORIAS EM MARX**

No início do *Capital* Marx apresentou uma teoria geral da moeda baseado em um reconhecimento explícito da natureza monetária da contradição entre mercadorias e moeda no processo geral de circulação de mercadorias.<sup>6</sup> Ao partir deste pressuposto, minha análise está realizando o movimento althusseriano de interpretar aquela teoria geral de uma perspectiva estruturalista na qual o conceito de sobredeterminação desempenha um papel central: o entendimento de qualquer momento específico do processo capitalista requer uma teoria geral,

---

6. O primeiro escrito importante e conhecido de Marx a incluir uma análise compreensiva da moeda - os *Grundrisse* - foi escrito entre agosto de 1857 e março de 1858. O primeiro capítulo dos *Grundrisse*, o capítulo ‘On Money’ e o capítulo intitulado ‘On money as capital’, formaram o núcleo do livro publicado em 1859, *A contribution to the critique of political economy*. (MARX, 1970) O *Contribution*, por sua vez, formou o núcleo dos capítulos sobre moeda no livro I do *Capital*. Portanto, podem ser encontrados três marcos fundamentais no desenvolvimento da teoria geral da moeda de Marx: os *Grundrisse*, o *Contribution* e o livro I do *Capital*. Neste artigo, entretanto, focalizo exclusivamente o último, uma vez que ele parece cristalizar a visão geral de Marx sobre o papel da moeda.

focalizando assim a natureza sobredeterminada de suas contradições estruturais. Na visão estruturalista, o parentesco entre pensamento e existência não é concebido na relação imediata de pensamento (teoria) e seu objeto, mas, mais misteriosamente, entre as categorias de pensamento e os elementos da realidade. De fato, o próprio Althusser enfatizou a importância estrutural da produção, sugerindo a possibilidade de formular um novo conceito filosófico de produção em geral (1970, p. 268). O conceito de produção é então apresentado como a primeira e a última palavra da reflexão teórica, sendo o elemento original e a forma definitiva da estrutura do real, governando o nascimento e a totalização do conhecimento, a definição e a persistência das estruturas sociais. Como Glucksmann (1977, p. 289) afirma, a análise de Althusser parece inspirada na análise das estruturas de parentesco de Levi-Strauss, de acordo com a qual mitos significam a mente que os elabora por meio do mundo do qual ela própria faz parte. Em outras palavras, assim como parentescos reais e possíveis podem ser deduzidos de uma tipologia atemporal dos sistemas de trocas, também o papel contraditório desempenhado pela moeda no modo capitalista de produção, eu acrescentaria, pode (e deve) ser definido em sua forma por uma teoria geral atemporal. Neste ponto, pode-se objetar que interpretar a análise de Althusser como uma análise marxiana do tipo estruturalista é, *prima facie*, incompatível com simultaneamente entender seus escritos como apresentando um arcabouço epistemológico para uma interpretação sobredeterminista da teoria geral da moeda de Marx e, mais especificamente, de sua análise geral e abstrata do papel contraditório desempenhado pela moeda no processo de circulação de mercadorias. Entretanto, essa incompatibilidade é somente aparente, uma vez que não existe nada intrinsecamente idiossincrático sobre o estruturalismo como um princípio organizador que o transforma necessariamente num instrumento analítico essencialista e determinista. Em outras palavras, assumir que Marx desenvolveu uma teoria geral da moeda no início do *Capital* não implica assumir que fenômenos reais ou monetários são os determinantes últimos uns dos outros. Na verdade, arriscaria sugerir que uma teoria Marxiana baseada na noção de sobredeterminação deve interpretar a decisão de Marx de formular uma teoria abstrata e genérica da moeda da seguinte maneira: Marx o fez precisamente para enfatizar a generalidade da natureza sobredeterminista do papel contraditório desempenhado pela moeda no processo de circulação de mercadorias. Indo mais além, eu diria que Marx iniciou o *Capital* com uma teoria geral da moeda exatamente para demonstrar que um regime de constitutividade mútua entre estruturas real e monetária é um atributo inerente da própria mercadoria, ou, mais precisamente, da tensão interior entre seus valores de uso e de troca.

Para tornar precisa a especificidade do discurso monetário de Marx parece útil resgatar uma taxonomia algo desconhecida das teorias monetárias, que foi sugerida por Schumpeter (1954), a saber: a taxonomia que faz uma distinção fundamental entre Análise Real e Análise Monetária. Em termos desta taxonomia, todas as teorias monetárias neoclássicas devem ser classificadas como Análise Real, uma vez que nelas forças reais é que determinam as posições de equilíbrio de longo período do sistema. A Análise Real parte do princípio de que todo fenômeno essencial do domínio econômico pode ser descrito e analisado exclusivamente em termos de bens e serviços, de decisões sobre eles e de suas relações. Em resumo, a moeda entra em cena somente no modesto papel de um instrumento técnico conveniente que é adotado meramente para facilitar a miríade de transações a serem realizadas.<sup>7</sup> A Análise Monetária, por outro lado, parte de uma suposição completamente ortogonal, ou seja, de que moeda é uma parte integral do processo capitalista. Isto é, ela introduz o elemento moeda na base de nossa estrutura analítica e, prontamente, abandona a noção de que qualquer característica fundamental de uma economia de mercado pode ser representada por um arcabouço analítico não-monetário de trocas diretas. Como detalho a seguir, a análise de Marx do comportamento do modo capitalista de produção, não obstante suas especificidades, cabe claramente dentro de uma tradição monetária que concebe a dinâmica capitalista como sendo intrinsecamente determinada - ou melhor, sobredeterminada - pelo papel integral desempenhado pela moeda. Isto significa que fenômenos monetários não devem ser concebidos como uma mera reflexão direta, como a forma fenomenal do processos reais de produção.<sup>8</sup>

Usando uma linguagem althusseriana, parece razoável sugerir que Marx concebia as esferas real e monetária da sociedade como sendo fundamentalmente sobredeterminadas. Marx concebia a moeda como uma relação social que explicita a dependência recíproca à qual produtores privados estão sujeitos;

---

7. Em uma versão mais moderna, o axioma dos reais foi assim enunciado por HAHN: "*The objects of agents that determine their actions and plans do not depend on any nominal magnitudes. Agents care only about 'real' things, such as goods (properly dated and distinguished by states of nature), leisure and effort. We know this as the axiom of the absence of money illusion, which it seems impossible to abandon in any sensible analysis.*" (1982, p. 34)

8. Embora não analise aqui as formulações de Marx sobre crédito, juros e instabilidade financeira no livro III do *Capital*, parece-me válido sugerir que a visão dele com respeito à natureza contraditória do sistema financeiro em uma economia capitalista pode igualmente ser interpretada de maneira sobredeterminista. Para Marx, o sistema financeiro, embora fundamental para a acumulação,

embora operando de modo isolado, eles formam uma sociedade onde prevalece uma particular, historicamente dada, divisão social do trabalho. Por exemplo, o uso da moeda como uma reserva de valor deve necessariamente derivar de uma especificação e determinação prévias da relação monetária. Em particular, a razão pela qual a moeda pode ser utilizada como reserva de valor é que ela mede valor e o transforma em um objeto social. Em outras palavras, parece lícito afirmar que a relação entre moeda e valor encerra o segredo para a característica distintiva fundamental de uma economia monetária: somente em uma economia monetária pode-se articular a noção de valor independentemente de uso, uma vez que a moeda permite valorar a riqueza sem levar em conta o uso desta. Nesse sentido, a capacidade de usar moeda para expressar a idéia de riqueza abstrata habilita a sociedade a dedicar-se ao trabalho de acumular riqueza quando esta sociedade não necessita consumi-la, mas somente deseja possuí-la. Quando indivíduos adotam este propósito e trabalham para adaptar o sistema de produção e consumo a ele, isto gera uma mudança realmente radical na organização da economia, a saber: a atividade econômica passa a ser regulada pelo objetivo da acumulação de riqueza.<sup>9</sup>

Portanto, uma concepção sobredeterminista do nexo real-monetário conduz à conclusão não-essencialista de que a moeda deve ser concebida tanto como causa quanto como consequência do processo de produção. Desta perspectiva, seria equivocado perguntar se é o movimento das mercadorias que determina o movimento da moeda, ou vice-versa, pela simples razão de que a existência de um complexo regime de constitutividade mútua entre as esferas real e monetária da sociedade exclui qualquer noção de determinação em última instância. Dado

---

acaba por encorajar processos (sobredeterminados, eu diria) que exacerbam a inerente instabilidade estrutural de uma economia monetária como a capitalista. Para uma discussão interessante deste aspecto da análise de Marx - mas de uma perspectiva diferente de, embora não necessariamente incompatível com, uma perspectiva sobredeterminista - ver BRUNHOFF (1973), FOLEY (1986) e SHUKLIAN (1991).

9. Em Keynes, a incerteza que inescapavelmente circunda o devir desempenha um papel fundamental no que ele chamou de **teoria monetária da produção**, a saber, uma teoria na qual a moeda, como na teoria geral da moeda de Marx, nunca é neutra (LIMA, 1992, 1993). À primeira vista, a noção marxiana de não-neutralidade da moeda parece não ter uma conexão especial com a distinção de Keynes entre certeza e incerteza. Uma questão interessante que surge aqui, embora esteja além do âmbito deste artigo, é considerar em que medida, se alguma, uma leitura sobredeterminista da análise monetária de Marx sugere repensar essa aparente falta de conexão. Colocando

que a mercadoria é também causa e conseqüência das relações sociais de produção, a conclusão é imediata: uma vez reconhecida a natureza sobredeterminada das diferentes esferas da sociedade, não se pode deixar de reconhecer que o que chamo de nexos real-monetário sobredeterminado implica que deve ocorrer não somente uma validação social das relações monetárias, mas, inclusive, uma concomitante validação monetária das relações sociais de produção. Em outras palavras, as instâncias reais da sociedade são tão sobredeterminantes das monetárias quanto estas participam na sobredeterminação das primeiras. É neste sentido que eu arriscaria sugerir que uma interpretação sobredeterminista da análise monetária de Marx forçosamente conduz à conclusão de que Marx iniciou o *Capital* com a elaboração de uma teoria geral da moeda precisamente para demonstrar que a natureza sobredeterminada da contradição entre mercadoria e moeda é um atributo inerente da própria mercadoria, mais precisamente da tensão interna entre seus valores de uso e de troca. Foi neste sentido, acrescentaria, que Marx argumentou que se deve “*first of all examine money in its abstract form in which it develops within framework of simple commodity circulation and grows out of the relations of commodities in circulation.*” (1970, p. 187) Pois na visão de Marx, é precisamente porque “*the difficulty lies, not in comprehending that money is a commodity, but in discovering how, why, and by what means a commodity becomes money*” (1977, p.186) que o ponto de partida de uma teoria geral da moeda é necessariamente o estudo da circulação simples de mercadorias.

Sendo assim, a natureza da questão discutida nesta seção pode ser resumida da seguinte maneira. Marx inicia sua investigação do modo capitalista de produção com uma detalhada análise abstrata da mercadoria individual, a qual constitui, segundo ele, a forma elementar de riqueza em uma sociedade organizada por meio de regras capitalistas. Marx iniciou pela mercadoria porque, para a sociedade burguesa, a forma mercadoria do produto do trabalho, a saber, a forma valor da mercadoria, é a forma econômica elementar. A produção de mercadorias,

---

diferentemente, poder-se-ia avaliar em que medida essa leitura do nexos real-monetário na teoria geral da moeda de Marx pode beneficiar-se do conceito de incerteza de Keynes, não obstante suas especificidades. Longe de estar propondo uma síntese completa entre Marx e Keynes, estou sugerindo apenas que um processo mais intensivo de fertilização mútua, digamos assim, entre as teorias monetárias marxiana e pós-keynesiana pode eventualmente mostrar-se útil no enriquecimento de ambas. Aos interessados em dedicar-se a esta linha de pesquisa, AMARIGLIO & RUCCIO (1994), autores que realizam uma interessante e sugestiva discussão da forma pela qual o pós-modernismo, pode ajudar a dar maior sentido à noção de incerteza de Keynes, embora não focalizem a questão da possível conexão aqui sugerida, é certamente uma referência bastante útil.

por outro lado, não corresponde à natureza humana; ela não existiu e nem existirá sempre, sendo ela própria um produto da história. No prefácio da primeira edição do *Capital*, Marx reconheceu que a natureza mística e contraditória da mercadoria implica que “*the understanding of the first chapter, especially the section that contains the analysis of commodities, will therefore present the greatest difficulty.*” (1977, p. 90)

Como um processo socialmente determinado, ou melhor, sobredeterminado, a troca de mercadorias torna explícita uma tensão inerente dentro da mercadoria, a saber, uma tensão entre valor de uso e valor de troca. Em verdade, Marx entendia a mercadoria como envolvendo tanto uma unidade como uma contradição entre valor de troca e valor de uso. Esta tensão inerente, por sua vez, é mediada na troca de mercadorias pela intervenção do aspecto plenamente desenvolvido da forma equivalente, ou seja, a moeda. Para Marx, a principal dificuldade no conceito de forma moeda é entender a forma universal equivalente e, portanto, a forma geral do valor como tal. Na realidade, este é outro sentido no qual eu argumentaria que a concepção de Marx da forma mercadoria como sendo o germe, em virtude de suas contradições sobredeterminadas, da forma moeda, suporta uma interpretação althusseriana do problema da inversão.

Segundo Marx, existe uma correspondência entre o grau de desenvolvimento da forma relativa do valor e o grau de desenvolvimento da forma equivalente do valor. Contudo, deve-se ter em mente que o desenvolvimento da forma equivalente é somente a expressão e o resultado do desenvolvimento contraditório da forma relativa. Primeiro, a forma relativa do valor de uma mercadoria converte alguma outra mercadoria em um equivalente isolado. A forma expandida do valor relativo, isto é, a expressão do valor de uma mercadoria em termos das demais mercadorias, imprime, então, àquelas outras mercadorias a forma de equivalentes particulares de diferentes tipos. Finalmente, um tipo particular de mercadoria adquirirá a forma de equivalente universal quando todas as demais mercadorias transformarem-na no conteúdo material de sua forma de valor uniforme e universal. (MARX, 1977, p. 160) Noutros termos, é precisamente o antagonismo latente entre a forma relativa e a forma equivalente, as quais constituem os dois pólos da forma valor, que as torna mutuamente constituídas. Como a forma equivalente universal é a forma do valor em geral, a mercadoria que emerge deste processo sobredeterminado como equivalente universal é excluída da forma relativa universal do valor.

Por outro lado, uma mercadoria somente pode ser encontrada na forma equivalente universal se, e somente se, ela é excluída das colunas de todas as outras mercadorias. Como observou Marx, *“only when this exclusion becomes finally restricted to a specific kind of commodity does the uniform relative form of value of the world of commodities attain objective fixedness and general social validity.”* (1977, p. 162) Em outras palavras, é mediante um processo fundamentalmente sobredeterminado que uma mercadoria específica, com cuja forma natural a forma equivalente está socialmente entrelaçada, torna-se, então, a mercadoria equivalente, isto é, serve como moeda. A moeda emerge, portanto, do regime de constitutividade mútua que prevalece entre a forma natural de uma mercadoria específica e a dimensão social da forma equivalente. Segundo Marx, *“only the action of society can turn a particular commodity into the universal equivalent. The social action of all other commodities, therefore, sets apart the particular commodity in which they all represent their values. The natural form of this commodity thereby becomes the socially recognized equivalent form. Through the agency of the social process it becomes the specific social function of the commodity which has been set apart to be the universal equivalent. It thus becomes - money.”* (1977, p. 180-1) No papel de equivalente geral a moeda solidifica o processo de troca, no qual diferentes produtos do trabalho igualaram-se uns aos outros e, assim, converteram-se em mercadorias. Por outro lado, ao mesmo tempo que essa transformação dos produtos do trabalho se efetiva, uma mercadoria particular transforma-se em moeda. Contudo, a moeda, nascida no processo do troca, pode servir como um equivalente universal do valor de mercadorias somente porque ela própria é uma mercadoria dotada de valor intrínseco. Na minha visão, a natureza sobredeterminada desse processo é explicitada por Marx quando ele coloca que não se trata simplesmente de uma situação em que uma mercadoria particular torna-se moeda porque todas as demais mercadorias nela expressam seu valor, mas, simultaneamente, de uma situação em que todas as demais mercadorias expressam universalmente seu valor em uma particular mercadoria precisamente porque ela é moeda.

Ademais, parece razoável postular que a visão de Marx do processo de circulação de mercadorias na sua forma mais simples, ou seja, mercadoria-dinheiro-mercadoria (M-D-M) como sendo inerentemente contraditório, igualmente suporta uma interpretação sobredeterminista do método dialético por ele empregado. Colocando diretamente, a forma geral do capital (D-M-D') resulta, em última análise, de um processo sobredeterminado de acumulação de contradições. Como enfatizou Marx no capítulo II do *Capital*, a troca de mercadorias implica condições contraditórias e mutuamente exclusivas. Para



ele, o desenvolvimento subsequente da mercadoria não anula estas contradições, mas, ao contrário, proporciona a forma pela qual elas têm espaço para se movimentar. Adotando-se uma perspectiva sobredeterminista, caberia acrescentar apenas que as formas reais de movimento do processo de troca são, em verdade, sobredeterminadas pelas formas antagônicas das mercadorias. Pois, como observou Marx, o processo de troca deve ser visto exatamente como um processo de metabolismo social porquanto transfere mercadorias de mãos onde elas não são valores de uso para mãos onde elas são valores de uso (1977, p.198).

Por outro lado, o processo de troca efetiva-se por meio de duas metamorfoses que, não obstante opostas, são mutuamente constituídas, a saber, a conversão da mercadoria em moeda e a reconversão da moeda em mercadoria, com essas mudanças de forma ocorrendo, diria, de maneira sobredeterminada.<sup>10</sup> Em outras palavras, eu diria que é precisamente porque esse regime de constitutividade mútua predomina que Marx assinalou que *“the first metamorphosis of one commodity, its transformation from the commodity-form into money, is therefore also invariably the second, and diametrically opposite, metamorphosis of some other commodities, the retransformation of the latter from money into a commodity.”* (1977, p. 205)<sup>11</sup> Além disso, uma vez que as duas metamorfoses que constituem o caminho circular da mercadoria são, ao mesmo tempo, duas metamorfoses parciais inversas de outras duas mercadorias, o circuito percorrido por uma mercadoria no curso de sua metamorfose está intrinsecamente entrelaçado com os circuitos percorridos pelas demais mercadorias. À reveladora observação de Marx de que todo este processo constitui a circulação de mercadorias eu somente acrescentaria que a própria circulação geral de mercadorias deve ser concebida, portanto, como um processo sobredeterminado.

---

10. Considero que é precisamente a natureza sobredeterminada do processo em questão que engendra o que Marx classificou como ‘personificação das coisas e reificação das pessoas’: *“There is an antithesis, immanent in the commodity, between use-value and value, between private labour which must simultaneously manifest itself as directly social labour, and a particular concrete kind of labour which simultaneously counts as merely abstract universal labour, between the conversion of things into persons and the conversion of persons into things; the antithetical phases of the metamorphosis of the commodity are the developed forms of motion of this immanent contradiction.”* (MARX, 1977, p. 209)

11. De maneira não-essencialista, diria, Marx sugeriu implicitamente que os elementos sociais dessa acumulação de contradições devem ser concebidos não somente como sendo sobredeterminados pelos elementos econômicos da mesma, mas, inclusive, como participantes ativos na sobredeterminação de cada um deles: *“These two antithetical transmutations of the commodities are accomplished through two antithetical social processes in which the commodity-owner takes part, and are reflected in the antithetical economic characteristics of the two processes.”* (MARX, 1977, p.206)

A mudança contínua de forma mediante a qual o metabolismo dos produtos do trabalho é concluído (M-D-M) requer, portanto, que um dado valor, na forma de uma mercadoria, constitua o ponto de partida do processo e que retorne ao mesmo ponto na forma de uma mercadoria; o resultado deste movimento contínuo não é o retorno da moeda, mas, sim, sua contínua remoção e afastamento do ponto de partida. Assim, o resultado da circulação de mercadorias, a saber, a substituição de uma mercadoria por outra, parece não para ter sido mediado por sua própria troca de forma, mas, ao contrário, pela função da moeda como meio de circulação. (MARX, 1977, p. 211) Embora o movimento da moeda seja meramente a expressão sobredeterminada da circulação de mercadorias, a situação parece ser o reverso disto, isto é, a circulação de mercadorias parece ser o resultado do movimento da moeda. A moeda efetiva, por sua vez, sendo a mercadoria cuja forma natural é também diretamente a forma social da realização do trabalho humano abstrato funciona como um meio de circulação somente porque nela o valor possuído pelas mercadorias toma uma forma independente; seu movimento é, de fato, enquanto meio de circulação, meramente o movimento experimentado pelas mercadorias enquanto mudam de forma.

Na minha visão, a reversão realizada por Marx da tradicional concepção quantitativista de uma causalidade necessária, partindo da moeda para os preços, pode ser igualmente interpretada de uma perspectiva sobredeterminista. Mais precisamente, a quantidade necessária de meios de circulação pode ser vista como sendo determinada, ou melhor, sobredeterminada, de antemão pela soma dos preços de todas as mercadorias. Dado que as metamorfoses experimentadas pelas mercadorias são elas próprias sobredeterminadas, o princípio segundo o qual a quantidade de meio circulante é sobredeterminada pela soma dos preços das mercadorias e a velocidade média da circulação da moeda também pode ser enunciado da seguinte maneira: dada a soma dos valores das mercadorias e a velocidade média de suas metamorfoses, a quantidade de moeda em circulação é sobredeterminada pelo seu próprio valor.

Voltando-me para a última parte desta seção, sugiro agora uma interpretação sobredeterminista da fórmula geral de Marx para o capital. Marx não somente concebia a circulação de mercadorias como o ponto de partida do capital, mas, inclusive, argumentou que a moeda, na verdade o último produto da circulação de mercadorias, é a primeira forma de aparecimento do capital. Para Marx, a primeira distinção entre moeda como moeda e moeda como capital é nada mais que uma diferença nas suas formas de circulação. A forma imediata da circulação

de mercadorias (M-D-M) é a transformação de mercadorias em moeda e a reconversão de moeda em mercadorias. Mas, ao lado desta forma imediata encontra-se outra forma, que é determinada pela - e toma parte na determinação da - primeira: (D-M-D), a transformação da moeda em mercadorias e a reconversão destas em moeda. Por outro lado, a moeda, que com seu movimento descreve este último curso, é transformada em capital como resultado de uma inerente acumulação de contradições dentro da circulação de mercadorias. Assim como no caso da circulação simples, o movimento circular (D-M-D) passa por duas fases antitéticas. Tomadas conjuntamente em sua unidade sobredeterminada, estas duas fases antitéticas constituem o movimento total que troca moeda por uma mercadoria e a mesma mercadoria por moeda, que compra uma mercadoria com o fim de vendê-la; ou, se se negligencia a distinção formal entre compra e venda, compra uma mercadoria com moeda e então compra moeda com uma mercadoria. O resultado no qual todo o processo desaparece é, portanto, a troca de moeda por moeda. Como Marx (1977, p. 248) coloca, é evidente que o processo circulatório (D-M-D) seria absurdo e vazio se a intenção fosse trocar duas quantidades iguais de moeda. Noutros termos, uma vez que uma determinada quantidade de moeda é distinguível de outra somente pela sua magnitude, o processo (D-M-D)' não tem seu conteúdo dado por uma eventual diferença qualitativa entre seus extremos, já que eles são ambos moeda, mas somente por alterações quantitativas.<sup>12</sup> Colocando diretamente, toda vez que uma quantidade maior de moeda é retirada da circulação do que aquela que foi colocada no início, uma determinada, ou melhor, sobredeterminada, soma de mais-valia foi necessariamente extraída. Neste sentido, o processo de extração de mais-valia pode ser interpretado como outra forma de manifestação da natureza sobredeterminada da relação contraditória entre as esferas real e monetária da sociedade.

---

12. Uma das raras ocasiões em que Keynes elogiou Marx ocorreu num rascunho, em 1933, da *Teoria Geral*, no qual Keynes usou a fórmula geral de Marx para o capital para embasar sua postura contra a natureza real da teoria clássica: “*The distinction between a co-operative economy and an entrepreneur economy bears some relation to a **pregnant observation made by Karl Marx** (...) He pointed out that the nature of production in the actual world is not, as economists seem often to suppose, a case of C-M-C', i.e. of exchanging commodity (or effort) for money in order to obtain another commodity (or effort). That may be the standpoint of the private consumer. But it is not the attitude of business, which is a case of M-C-M', i.e. of parting with money for commodity in order to obtain more money.*” (KEYNES, 1979, p. 81, ênfase adicionada) Uma exposição detalhada da distinção de Keynes entre uma economia cooperativa e uma economia empresarial ou monetária pode ser encontrada em LIMA (1992, 1993).

### OBSERVAÇÕES FINAIS

O propósito básico deste artigo era avaliar em que medida alguns aspectos da análise geral de Marx do papel contraditório desempenhado pela moeda na circulação simples de mercadoria suportam uma interpretação sobredeterminista de seu método dialético de análise. Mais precisamente, tencionava avaliar em que medida o que chamei de nexos real-monetário na circulação simples de mercadorias pode ser interpretado como um nexo sobredeterminado, a saber, um nexo no qual os processos monetários devem ser concebidos não apenas como sendo sobredeterminados pelos processos reais, mas, inclusive, como tomando parte na sobredeterminação destes últimos.

Na seção anterior sugeri uma interpretação de alguns aspectos da teoria geral da moeda de Marx que parece corroborar a possibilidade de interpretá-la de uma perspectiva sobredeterminista althusseriana. Embora tenha focalizado somente alguns aspectos da teoria geral da moeda de Marx, creio que a noção de sobredeterminação pode ser produtivamente colocada a serviço de uma “desconstrução” mais ampla da dicotomia analítica real-monetário que está subjacente à teorização econômica neoclássica.<sup>13</sup> Uma possível extensão desta abordagem, não focalizada neste artigo, pode ser no sentido de incorporar outras divisões relevantes em cada lado do nexo real-monetário, por exemplo processos de classe e de não-classe, com o atributo de ser ou não um processo de classe dependendo de participar ou não do processo de extração de mais-valia. Neste caso, por exemplo, uma vez que juros são uma parcela da mais-valia gerada no processo de produção, disputas de classe e não-classe por sua apropriação podem ser potencialmente interpretadas como outra forma de manifestação da natureza sobredeterminada da relação contraditória entre as esferas real e monetária da sociedade.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. *For Marx* (1970). United Kingdom: Verso, 1986.

ALTHUSSER, L. & BALIBAR, E. *Reading capital*. London: New Left Books, 1970.

---

13. O termo “desconstrução” é empregado aqui no sentido formulado por DERRIDA (1974). Nesta formulação, uma interpretação desconstrutivista é aquela que sai em busca dos momentos em que o texto em questão difere de si mesmo e, conseqüentemente, transgride seu sistema de valores e torna-se indecível em termos de seu sistema aparente de significados.

- AMARIGLIO, J. & RUCCIO, D. Keynes, postmodernism, uncertainty. In: DOW, S. & HILLARD, J. (eds.), *Keynes, knowledge and uncertainty*. Aldershot: Edward Elgar, 1994.
- DE BRUNHOFF, S. *Marx on money*. New York: Uriten Books, 1973.
- DERRIDA, J. *Of grammatology*. Trans. by G. V. Spivac. Baltimore, Johns Hopkins University Press, 1974. First edition in French, 1967.
- CALLARI, A. & RUCCIO, D. *Postmodern materialism and the future of marxist theory*. Hanover: Wesleyan University Press, 1996.
- FOLEY, D. *Money, accumulation and crisis*. New York: Harwood Academic Press, 1986.
- FREEDMAN, C. The interventional Marxism of Louis Althusser. *Rethinking Marxism*, v. 3, n. 3-4, 1990.
- FREUD, S. The interpretation of dreams. In: BRILL, A (ed.), *The basic writings of Sigmund Freud*. New York: Modern Library, 1938.
- GERAS, N. Althusser's marxism: an assessment. In: JONES, G. et alii (eds.), *Western Marxism: a critical reader*. London: New Left Books, 1977.
- GLUCKSMANN, A. A ventriloquist structuralism. In: JONES, G. et alii (eds.), *Western Marxism: a critical reader*. London: New Left Books, 1977.
- HAHN, F. *Money and inflation*. Oxford: Basil Blackwell, 1982.
- KEYNES, J. M. The general theory and after: a supplement. In: MOGGRIDGE, D. (ed.), *The collected writings of John Maynard Keynes*, v. XXIX. London: Macmillan, 1979.
- LIMA, G. *Em busca do tempo perdido: a recuperação pós-keynesiana da economia do emprego de Keynes*. Rio de Janeiro: BNDES, 1992.
- \_\_\_\_\_. Taxonomy of production economies and monetary determination of effective demand: a puzzle in Keynes's economics. *IE/Unicamp: Texto para Discussão*, N. 30, Outubro 1993.
- MARX, K. *A contribution to the critique of political economy* (1859). New York: International Publishers, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Grundrisse*. New York: Vintage Books, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Capital*, v. 1 (1867). New York: Vintage Books, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Capital*, v. 2 (1885). New York: International Publishers, 1985.
- RESNICK, S. & WOLFF, R. Marxist epistemology: the critique of economic determinism. *Social Text*, v. 2, n. 3, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Knowledge and class*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- SHUMPETER, J. *History of economic analysis*. London: Allen and Unwin, 1954.

SHUKLIAN, S. Marx on credit, interest and financial instability. *Review of Social Economy*, v. XLIX, n. 2, 1991.

---

Artigo traduzido do inglês por Sylvia Maria Schettini Cristovão dos Santos.

Agradeço a David F. Ruccio por seus úteis comentários e sugestões ao longo de toda a elaboração deste artigo. Correspondência com Stephen Resnick foi muito proveitosa para o esclarecimento de diversas questões epistemológicas relacionadas à noção de sobre-determinação conforme aplicada em uma teoria marxiana. Finalmente, pertinentes comentários dos pareceristas anônimos contribuíram para melhorar esta versão final, qualquer que seja o significado deste último termo em um mundo - nosso mundo - de conhecimento incompleto, imperfeito e, portanto, relativo. Cumpre mencionar que as várias isenções habituais se aplicam

(Recebido em março de 1995. Aceito para publicação em dezembro de 1995).